

Há 82 anos a Censura cortou

Manuela de Azevedo defendia a eutanásia

Texto inédito*

O Museu Nacional da Imprensa divulga um texto inédito em que a jornalista Manuela de Azevedo (1911-2017) defendia a eutanásia. Ela tinha 24 anos e vivia em Viseu quando escreveu o artigo para o jornal República. Os Serviços de Censura de Oliveira Salazar não o deixaram vir à luz do dia. Era assunto tabu.

Outro artigo, sobre a Crise na Sociedade das Nações - foi igualmente cortado pelos diligentes 'coronéis', o que levou a jornalista a dizer ao diretor do jornal que não estava disposta a escrever mais para o exercício de corte da ditadura.

Oitenta e dois anos depois (desde março de 1936), o artigo continua a ser atual, o que mostra bem o pioneirismo do pensamento da jornalista que foi a primeira mulher a ter carteira profissional.

O artigo – “Matar por piedade” - é muito curioso pela forma como a argumentação se vai desenvolvendo, em registo epistolar. Na base, está o modelo de 'diálogo socrático'. Ela responde a uma suposta carta de um tal 'Libertus' que exprime posições antagónicas às suas. Esse 'alter' vai ajudar a construir a dimensão cognitiva da convergência argumentativa.

Na sua argumentação sábia, Manuela de Azevedo fala no 'duce' Mussolini, porque em 1936, ainda Hitler estava nos começos do 'reich'...

|| Só em agosto, na abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim, o 'fûhrer' viria a espantar o mundo com a sua máquina de propaganda 'ariana' comandada por Goebbels. Além de pela 1ª vez serem filmados os jogos e de a TV ser utilizada como instrumento de propaganda, nos jornais alemães foram proibidas as notícias sobre a vitória de atletas negros norte-americanos. Só três anos depois (set. de 1939) começaria a II Guerra Mundial, com a invasão da Polónia, pelas tropas nazis. A preparação desta invasão foi anunciada ao mundo pela jornalista britânica Clare Hollingworth, que, no começo de 2017, tinha 105 anos, tal como Manuela de Azevedo. ||

O tom coloquial constitui, assim, um processo dinâmico de desfazer argumentos e apontar o caminho para as suas posições de defesa da eutanásia.

Registe-se que a despenalização da eutanásia foi tema de luta de muitas outras mulheres, ao longo de décadas. A pacifista Mireille Jospin (1910-2002) dizia que este seria o grande debate do século XXI. Na altura, anos 80 do Séc. XX, ela defendia a morte assistida, mesmo sabendo que o filho (Daniel Jospin, 1º ministro socialista francês) era contra a eutanásia...

Manuela de Azevedo antecipou esse debate para a terceira década do séc. XX e o tema constitui, de facto, um assunto central nas grandes polémicas da atualidade.

A sua argumentação é forte e incisiva, em defesa da 'morte libertadora'.

Porto, 16.05.2018

Luiz Humberto Marcos

*Por estar perdido na altura, não houve oportunidade de se inserir este texto no livro da jornalista “Memórias de Uma Mulher de Letras”, editado em 2009, pelo Museu Nacional da Imprensa.